



Assine Época

Tempo Ideias Vida Colunas Canais
Busca

Enviar

TEMPO

Juval Aviv: "Governos fazem pouco para retomar dinheiro roubado"

Ex-agente secreto de Israel, o investigador diz que os fraudadores são pouco criativos. Mesmo assim, governos e empresas se deixam enganar

ISABEL CLEMENTE

04/06/2015 - 08h00 - Atualizado 04/06/2015 08h00

Compartilhar (3615)

Pinar

Comp.

Comp.

Tuítar

Assine já!





LENTIDÃO

Aviv, ex-militar, ex-agente, investigador. Ele reclama que as vítimas de golpes demoram a agir (Foto: Jason South/Fairfax Syndication)

Desde que deixou o **Exército israelense** com a patente de major, em 1979, **Juval Aviv** estuda dois temas: o **combate ao terrorismo e às fraudes financeiras**. Tornou-se um investigador requisitado. Pelo escritório de sua empresa, a Interfor, em Nova York, passam empresários e representantes de governos em busca de ajuda no rastreamento de recursos desviados para paraísos fiscais. Aviv aprendeu que **fraudadores não são criativos**: “Todos

TEMPO

IDEIAS

VIDA

COLUNAS

CANAIS

ASSINE

tornou uma celebridade porque é apontado, há anos, como um **famoso matador de terroristas**. Aviv confirmou ter liderado o esquadrão de agentes que rastreou e matou vários dos terroristas que assassinaram 11 atletas israelenses na Olimpíada de Munique, em 1972. A história foi contada no livro *A hora da vingança*, de George Jonas, e no filme *Munique*, de Steven Spielberg. Por telefone, Aviv falou sobre a ousadia dos fraudadores e os esquemas sigilosos que bancos mantêm com clientes especiais.

ÉPOCA – A Operação Lava Jato se tornou um marco no combate à corrupção no Brasil, com a ajuda de delatores. Dá para acreditar neles?

Juval Aviv – Deve existir uma escola de fraudes em algum lugar, frequentada por todos os delatores, porque eles copiam uns aos outros. Em 37 anos, nunca deparei com algo novo, muito criativo. Todos fazem as mesmíssimas coisas. Abrem pequenas contas, compram imóveis e preparam a fraude. Quando são pegos, levam os investigadores até essas contas. Os investigadores ficam tão felizes de encontrar algo que não vão até o dinheiro grande. Os casos em que trabalhei foram sempre assim. Os governos sentem a pressão da população, da imprensa, mas não trabalham duro para encontrar todo o dinheiro. E, quase sempre, há muita pressão política (contrária). Volta e meia, alguém me conta histórias de brasileiros que abriram contas no Panamá, com milhões de dólares. Faz parte de minha rotina. Minhas fontes são autoridades, polícia e governos que nunca empreendem uma caça profissional ao dinheiro desviado. Isso não acontece apenas no Brasil. É assim em todo lugar, na Grécia e em outros países onde a economia está com problemas. Há outras prioridades, a coisa não é levada muito a sério. Eles apenas demonstram intenção de fazer. De vez em quando, recebo ligação de algum advogado no Brasil dizendo que tem um cliente que perdeu milhões. Mas nem a vítima quer mesmo investigar.

ÉPOCA – Os paraísos fiscais continuam os mesmos de sempre ou há um novo lugar “na moda”?

Aviv – São os mesmos de sempre. Não há nenhuma criatividade no mundo dos **crimes financeiros**. A maioria fica com o que desviou em espécie ou em contas bancárias. Alguns compram diamantes, para carregar milhões no bolso. Outros compram obras de arte, barcos e abrem negócios em nome de outras pessoas.

ÉPOCA – As táticas se repetem, mas a impressão é que esses crimes crescem nas quantias envolvidas e na cunhadia

 Assine Época a partir de R\$ 19,90 por mês de US\$ 3 milhões. Dez anos depois, todas as histórias em que eu trabalhava estavam na casa das centenas de milhões. Nos últimos 15 anos, os escândalos são bilionários. É do ser humano pensar “se vou me arriscar, que seja por muito dinheiro, para eu viver feliz para sempre”. Roubam cada vez mais porque gastam para cometer a fraude e mais ainda para esconder a fortuna roubada. Quando alguém é preso, sempre pergunto: “Por que você fez isso, você tinha uma ótima posição como presidente de empresa, ganhava US\$ 2 milhões por ano, tinha uma ótima vida, por que se arriscar?”. A resposta é sempre a mesma: “Porque era fácil, eu pensava ser mais esperto e acreditava que jamais seria pego”. Certa vez, fui atrás de um

cara que roubou US\$ 700 milhões. Encontrei US\$ 200 milhões, o cliente ficou feliz e não quis continuar. O cara foi condenado a um ano de prisão e me disse: “Você nunca encontrará meu dinheiro”. Ele sabia que, ao deixar a prisão, uma fortuna esperaria por ele em algum lugar.

>> **Leia outras entrevistas**

ÉPOCA – Como eles conseguem escapar da Justiça?

Aviv – Hoje, há um mecanismo que facilita tudo. Roubam, escondem o dinheiro e pedem falência. Na Justiça, dizem ter perdido o dinheiro todo, alegam ter alguns poucos milhares de dólares, entregam tudo à massa falida, que nunca tem recursos suficientes para bancar uma investigação profunda, e fica por isso mesmo. A Justiça e a massa falida contentam-se em confiscar a casa, carros, alguns bens do antigo dono e fim. Enquanto isso, o falido está rindo de todo mundo porque os milhões estão escondidos em algum lugar que ninguém vai achar. E é mais fácil encontrar esse dinheiro do que se pensa. O problema é que há muitos bancos gananciosos, que recebem (*dinheiro desviado*) e ficam quietos. Eles sabem que, se não receberem os US\$ 5 milhões do cliente Y, o cliente atravessa a rua e deposita o dinheiro em outro banco. Quando chegamos ao banco com uma ordem judicial determinando o confisco, muitas vezes o gerente diz que aquela conta não existe. Eles mentem para os advogados.

"Todo mês, visito (o *fraudador*) Madoff na prisão. Ele pergunta: ‘Já encontrou meu dinheiro?’"

ÉPOCA – Como evitar isso?

Aviv – Como investigador, minha abordagem é diferente. Sempre coloco um anúncio chamando pessoas para me ajudar numa investigação. Assim conheci um ex-gerente de um grande banco. Ele me contou sobre um programa para atrair grandes clientes. Se o cliente levar mais de US\$ 100 milhões, o banco se compromete a transferir o dinheiro imediatamente para outro banco, caso alguma decisão judicial mande congelar os bens. Aí, mentem para os advogados e cobram uma taxa de 15% sobre o valor transferido. (*Sabendo disso*) Há algumas semanas, fui a esse banco, no Panamá, checar a existência de uma conta. Veio o gerente-geral com a resposta-padrão: “Não temos conta dessa pessoa aqui”. Eu disse: “Pode ter sido um mal-entendido, mas gostaria que o senhor visse esses papéis aqui”.

Ele me pediu um momento, desapareceu e voltou com outro discurso. Disse que era uma conta especial, mantida em outra área do banco, não estava no computador. Se aquele banco no Panamá faz isso, muitos outros fazem o mesmo. É um mundo em que as pessoas comuns não conhecem e pelo qual os governos não se interessam.

>> Mais notícias sobre a Operação Lava Jato

ÉPOCA – E as empresas?

Aviv – Quando a empresa está interessada em recuperar, vai até o fim para encontrar o dinheiro. Muitas simplesmente o lançam como prejuízo e querem esquecer o que aconteceu. Não sei como explicam aos acionistas que vão deixar bilhões escapar sem tentar recuperar o dinheiro roubado.

ÉPOCA – O que uma investigação precisa para dar certo?

Aviv – Tem de começar discretamente, antes de o caso ir à Justiça, antes que o outro lado entenda o jogo, antes de o outro lado tentar esconder o dinheiro ou movimentá-lo de novo. Quem rouba mantém o dinheiro em algum lugar na expectativa de usufruir. O que faço é preparar o plano, mapear onde as contas estão. Quando sai a decisão mandando congelar os bens, já sei onde o dinheiro está e vou atrás. Esse é o melhor plano e o que as pessoas, na maioria das vezes, não fazem. Geralmente, começamos depois da sentença proferida. Os credores, as vítimas, acionam o investigador depois.

ÉPOCA – Como se faz uma investigação desse tipo?

Aviv – Digamos que estamos investigando o senhor X. O caminho é olhar seu estilo de vida. Nesse quesito, todos cometem os mesmos erros. Ninguém rouba tanto para ficar em casa comendo pizza. Se o senhor X não quiser gastar, talvez a mulher dele queira, ou talvez a ex-mulher. Checo o que a família gasta por mês, de quanto ela precisa. Eles dizem à Justiça que o dinheiro acabou, que vivem com a ajuda de amigos. Todos abrem contas-correntes fora do país, às vezes em outras cidades, apenas para receber mensalmente uma certa quantia, que pode vir de Nova York, do Panamá, da Suíça. É essencial saber se a pessoa tem ex-mulher. Talvez ela esteja muito chateada por ele ter mentido a respeito da fortuna durante o divórcio e queira colaborar.

ÉPOCA – O trabalho é difícil. Mas o índice de recuperação de dinheiro desviado no Brasil é pequeno demais, não?

Aviv – Sim. Ainda trabalho em três casos antigos: Parmalat (*a empresa italiana de laticínios faliu em 2003*), Madoff (*investidor americano preso em 2008 por fraude contra o sistema financeiro*) e Stanford (*dono de um*

fundo de investimento condenado a 110 anos de prisão). Madoff desviou US\$ 86 bilhões, e US\$ 12 bilhões foram recuperados. Mesmo assim, as pessoas perderam o interesse. Ele foi sentenciado à pena perpétua. Todo mês, vou à prisão falar com ele, para tentar convencê-lo a me contar onde o dinheiro está. E ele vem com o de sempre: “E aí, jovem, já encontrou meu dinheiro? Ainda não?”. Eu digo: “Não, mas você ficará na prisão para sempre”. E ele responde: “Não se preocupe com isso. Eu dei muito dinheiro para políticos, muito mesmo. Talvez não agora, mas um deles chegará à Casa Branca e vai me tirar daqui”.



Época
1.892.764 curtidas

[Curtir Página](#) [Comprar agora](#)

14 amigos curtiram isso





Época
4 min

Nesta quarta-feira, a Câmara rejeitou as alterações feitas pelo Senado ao projeto de lei antiterrorismo. Cabe à presidente Dilma Rousseff sancionar ou vetar (total ou parcialmente) o texto.



TAGS

ENTREVISTA 885 JUVAV OPERAÇÃO LAVA JATO CORRUPÇÃO DINHEIRO

MAIS LIDAS

1